

A expressão de finalidade na construção de movimento com propósito em português

Angélica Rodrigues

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)
Araraquara, São Paulo, Brasil
angelica.rodrigues@fclar.unesp.br

Patrícia Oréfica

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)
Araraquara, São Paulo, Brasil
patricia.orefica@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i1.725>

Resumo

Neste artigo, discutimos a relação de finalidade na Construção de Movimento com Propósito, que é formada pela sequência, contígua ou não, de dois verbos, sendo que o primeiro é sempre um verbo de movimento orientado e o segundo apresenta-se sempre na forma não finita. Adotamos um modelo cognitivo-funcional, em que são priorizadas as noções de construção, segundo o paradigma da gramática das construções (GOLDBERG, 1995), metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1992), gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003) e tipologia de combinações de cláusulas (LEHMANN, 1988; CRISTOFARO, 2005) para analisar a relação dessa construção com a oração adverbial final dentro de um *continuum* de integração de cláusulas complexas.

Palavras-chave: metáfora conceptual; verbos de movimento orientado; cláusulas finais; construção; integração de cláusulas; construção de movimento com propósito.

Expressing Purpose in the Motion-Cum-Purpose Construction in Portuguese

Abstract

This paper discusses the meanings of purpose in the motion-*cum*-purpose construction, formed by a sequence of two verbs, which can be contiguous or not. The first verb always expresses oriented motion, and the second always has a non-finite form. The cognitive-functional approach, which emphasizes concepts of constructions according to construction grammar approach (GOLDBERG, 1995), conceptual metaphor (LAKOFF, 1992; LAKOFF; JOHNSON, 1980), grammaticalization (HOPPER; TRAUGOTT, 2003) and clause combining typology (LEHMANN, 1988; CRISTOFARO, 2005), was adopted to analyze the relation between the motion-*cum*-purpose construction and the purpose clause within an integration *continuum* of complex clauses.

Keywords: conceptual metaphor; oriented motion verbs; purpose clauses; construction; clause combining; motion-*cum*-purpose constructions.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão acerca do valor de finalidade expresso num tipo de construção particular, denominado *construção de movimento com propósito* (CMCP daqui em diante). Defendemos que a expressão da finalidade, embora

seja prototipicamente marcada nas orações finais, também emerge nas CMCP. As duas construções, portanto, finais e CMCP, estariam ligadas por uma relação de herança fundamentada basicamente na classe semântica dos verbos que podem integrar a CMCP. A relação entre as duas construções é explorada em termos do grau de integração sintática, que fundamenta nossa análise de que a CMCP, embora expresse um valor de finalidade tal como as orações finais, representa um tipo de construção mais integrada sintaticamente.

Segundo Oréface (2014), as CMCP são construções formadas pela sequência, contígua ou não, de dois verbos, V1 e V2, sendo que V1 é sempre um verbo de movimento orientado, que se associa a V2, o qual ocorre obrigatoriamente na forma não finita. Verbos de movimento orientado são verbos que codificam um deslocamento físico, cujo ponto de partida e/ou chegada são focalizados, como *sair*, *passar* etc. Embora entre V1 e V2 possa haver alguns materiais intervenientes, como advérbios e expressões adverbiais, nenhuma conjunção explícita a vinculação sintática dos dois verbos. (1) e (2) são representativos dos casos de CMCP em foco neste artigo:

1) Ele pegô(u) já **subiu na casa dele buscar** o cano lá:... e (a)cabô(u) briga::n(d)o lá teve a maior com/confusão::chama atenção tam(b)ém de polícia né?¹

2) Cara, como é difícil ver uma pessoa que a gente gosta sofrendo... Hoje **entrei na UTI ver** o Ariel, eu nunca tinha visto uma UTI, só na TV, confesso que entrei com um pouco de receio do que ia ver, mas mesmo assim fui firme e forte [...]²

Em (1), observamos que há uma relação de finalidade que emerge da correlação entre a ação de *subir* (V1) (na casa dele) e *buscar*(V2) (o cano), no sentido de que o segundo evento é o propósito do primeiro. Em (2), a finalidade pode ser identificada pela relação entre o verbo *entrar*, no pretérito perfeito, e *ver*, no infinitivo, de modo que a ação expressa no segundo verbo constitui a finalidade da ação (movimento) expressa no primeiro verbo. Embora nosso *corpus* de análise seja constituído por ocorrências de CMCP com outros tipos de verbos, os casos apresentados em (1) e (2) devem ser suficientes para explicitar a relação de finalidade que emerge nessas construções que precisam ser analisadas como um tipo especial de construção de finalidade, dada a sua configuração sintática, que se caracteriza pela ausência da preposição *para*.

Uma vez que a relação de finalidade é prototipicamente expressa pela estrutura *para + infinitivo* (DIAS, 2001; TORRENT, 2009), sentenças como (1) e (2), além de poderem causar estranhamento a alguns falantes do português, também carecem de uma análise linguística, já que representam um tipo de construção pouco estudado.

Neste artigo, oferecemos, portanto, sob uma perspectiva sincrônica, uma descrição das propriedades estruturais e funcionais das CMCP, além de discutir sua relação com as orações finais, com quem mantêm uma relação de herança. É importante dizer que, ainda que haja semelhança entre as orações finais e as CMCP, defendemos que as CMCP representam um tipo distinto de construção de finalidade, com propriedades particulares não compartilhadas pelas orações finais. O que vemos nessa relação entre as finais e as CMCP é um jogo de semelhanças e diferenças, o que evidencia uma relação entre as duas construções.

¹ (IBORUNA/AC- 031; NR: 77-78).

² Disponível em: <http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=28540154&tid=2519818337906016550>. Acesso em: 02 set. 2013.

Nossas análises sustentam-se dentro de um modelo cognitivo-funcional, em que são priorizadas as noções de construção, segundo o paradigma da gramática das construções (GOLDBERG, 1995, 2006), metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1992), gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003) e tipologia de combinações de cláusulas (LEHMANN, 1988; CRISTOFARO, 2005).

Para dar embasamento ao nosso trabalho, partimos de dados coletados nos *corpora Corpus* do Português (www.corpusdoportugues.org), Projeto Iboruna (www.iboruna.ibilce.unesp.br) e em buscas assistemáticas³ no *site* de busca Google (www.google.com).

Os resultados apresentados neste artigo configuram-se basicamente como uma análise qualitativa. Cumpre salientar, no entanto, que em trabalho anterior (ORÉFICE, 2014) uma análise quantitativa foi empreendida a fim de confirmar a produtividade da CMCP assim como suas propriedades sintático-semânticas. Desse modo, a descrição da CMCP apresentada aqui leva em conta a análise quantitativa de 98 casos de CMCP.

A fim de alcançar os propósitos deste artigo, nosso percurso é o seguinte: na primeira seção apresentamos considerações acerca da relação semântica de finalidade em orações finais do português. Na segunda seção, trataremos da relação de finalidade com base nos estudos sobre metáforas conceptuais. Na terceira e última seção, discutiremos a configuração sintática da CMCP, num cotejo com a oração final, a fim de discutir o grau de integração sintática dessas duas construções. A análise dos parâmetros de integração de cláusulas permitirá a alocação das CMCP dentro de um *continuum* de integração de cláusulas que parte de estruturas menos integradas e menos gramaticalizadas para estruturas mais integradas e mais gramaticalizadas. Por fim, apresentamos nossas considerações finais e referências bibliográficas.

Relações de finalidade: tipos de construções no português

Seja nas gramáticas tradicionais ou na literatura linguística relativas ao português, a relação de finalidade é descrita nos termos das orações chamadas de subordinadas adverbiais finais ou orações hipotáticas de finalidade, a depender da abordagem. Não há divergência na literatura sobre a descrição formal dessas orações. A diferença reside na descrição semântica e funcional, que é mais explorada na literatura linguística. Considerando sua configuração sintática, as orações finais são descritas como orações que se ligam a uma oração principal por meio de uma conjunção de finalidade.

Nas gramáticas tradicionais, encontramos uma descrição dos tipos de orações finais tendo em vista principalmente o conectivo usado entre V1 e V2. Dias (2001), todavia, salienta que, embora conectivos, como *a fim de*, *com o fim de*, *que*, entre outros, possam introduzir uma oração final, a estrutura prototípica de finalidade no português brasileiro contemporâneo é “*para* + INFINITIVO”.

Dias (2001) esclarece ainda que, nas orações de finalidade, duas proposições, expressas na oração principal e final, apresentam uma relação de dependência semântica, na medida em que o estado de coisas decorrente da oração principal é condição (propósito) para a realização do estado de coisas expresso na final. A autora

³ Os dados coletados no *site Google* foram extraídos de *sites* de relacionamento, *sites* de perguntas e respostas e redes sociais e englobam análise qualitativa.

salienta ainda que a correferencialidade dos sujeitos da principal e da subordinada, como em (3), é evidência da forte dependência semântica entre as duas orações.

(3) [...] Ora, esse novo Brasil, que ele chama americano, **para indicar uma especificidade que o afasta do trono ibérico**, era sobretudo o Brasil meridional transformado pela imigração. (DIAS, 2001, p.138).

Torrent (2009), por seu turno, apresenta considerações a respeito de construções *para* (SN) infinitivo através de uma abordagem centrada no conceito de rede construcional. Para isso, delimita a forma e o sentido da oração de finalidade. No que tange ao sentido, o autor afirma que, nessas construções, o *para* (SN) infinitivo focaliza o espaço mental que representa o deslocamento em direção a um alvo, que é a intenção. Assim, retomando outros trabalhos de cunho funcionalista (DIAS, 2001; 2002; MARTELOTTA; VOTRE; CESÁRIO; 1996), Torrent (2009) apresenta a construção de finalidade como um tipo de construção que codifica uma meta, baseando-se na Teoria da Metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980), segundo a qual há um movimento, no mundo das intenções, tendo como destino a finalidade. Baseando-se principalmente em Dias (2001), o autor (TORRENT, 2009, p.77-78) explicita o modo de elaboração da oração de finalidade a partir das ocorrências (4) e (5). Em (4), a utilização do FGTS teve como meta a quitação do saldo devedor. O movimento pressuposto nessa sentença se dá no mundo das intenções, em que o sujeito que utiliza o fundo visa a atingir metaforicamente um destino em que não há mais dívidas a serem quitadas. Em (5), por sua vez, o movimento intencional sobrepõe-se a um deslocamento no mundo físico, uma vez que o deslocamento do funcionário do banco, que é o enunciador da sequência transcrita em (5), precisa, de fato, se deslocar fisicamente no intuito de atingir a meta relativa ao mundo das intenções, que é discutir questões relacionadas a processos movidos contra o banco.

(4) Ele pagou uma parcela só recorrente ao mês de abril e utilizou o fundo de garantia por tempo de serviço **pra quitar todo o saldo devedor**. (PROCON – CEF, TORRENT, 2009, p. 77)

(5) Num é não. Não não... Não existe esse hábito. Por quê? Justamente pra coibir, esse tipo de que problema que a gente tem aqui. Ir no PROCON, ir na justiça cível, é o que a gente vem evitando muito. Por quê? A gente acaba, é perdendo tempo em síntese, porque a gente tem se deslocar do... do local de trabalho, **pra vir aqui falar** sobre sobre esses casos. (PROCON – SUL - TORRENT, 2009, p.77).

Desse modo, conclui-se que a oração de finalidade pode ser mais bem interpretada com base na metáfora conceptual, como descrita em Lakoff e Johnson (1980). É disso que tratamos na seção seguinte.

As bases metafóricas da finalidade

Lakoff (1992, p.1), retomando Lakoff e Johnson (1980), sustenta que, na metáfora, uma forma é utilizada para se conceituar um domínio mental em face de outro. Assim, determinados conceitos tornar-se-ão metafóricos à medida que forem explicados através de comparações com outros domínios mentais.

Conceptualizar um domínio mental, segundo Lakoff (1992), demanda realização de um mapeamento desse domínio através do sistema conceptual. Sua realização se dá por meio de expressões linguísticas, palavras, sentenças ou frases, que se encontram na superfície desse mapeamento.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), o sistema linguístico é baseado em realizações metafóricas. Os autores reconhecem três tipos principais de metáforas conceptuais: estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas estruturais estabelecem ligações entre conceitos abstratos e concretos, como a metáfora *O amor é uma viagem*, a exemplo de (6). Nesse caso, a entidade *amor*, sentimento e, portanto, abstrato, é metaforizado na ideia de *viagem*, uma vez que parte dos conceitos de *viagem* são direcionados à ideia do amor, que, por sua vez, parece uma trajetória em que duas pessoas são viajantes.

- (6) *I don't think this relationship is going anywhere.* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.37).
Eu não acho que nossa relação está indo a algum lugar.

As metáforas orientacionais partem de deslocamentos orientacionais (*cima-baixo*, *frente-trás*, *dentro-fora*), como a metáfora *Feliz é para cima*, em (7), e *Triste é para baixo*, em (8).

- (7) *I am felling up.* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.15).
Eu estou me sentindo para cima.
(8) *I am felling down.* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.15).
Eu estou me sentindo para baixo.

As metáforas ontológicas estabelecem ligações com nossas experiências com objetos físicos, resultando em relações com substâncias e entidades, como a metáfora *Inflação é uma entidade*, em (9):

- (9) *We need to combat inflation.* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.24)
Nós precisamos combater a inflação.

As metáforas conceptuais, portanto, ocorrem através de mapeamentos conceptuais entre um domínio fonte e um domínio alvo, sendo que se apreende um significado em termo de outro. Apoiando-se em discussões sobre metáforas conceptuais como *Tempo é dinheiro*, *amor é viagem* e *discussão é guerra*, Lakoff e Johnson (1980) advogam a favor da afirmação de que as metáforas estão incluídas em nosso cotidiano, pois o *tempo*, para nós, é um bem valioso; o *amor* é um trajeto angustiante, difícil; e a *discussão*, é um embate entre diferentes ideias sendo atacadas e defendidas, tal como numa guerra.

Lakoff (1992) afirma que as noções de estado, mudança, processo, ação, causalidade, finalidade e significados são definidas cognitivamente por metáforas conceptuais que englobam espaço, movimento e força.

Lakoff (1992) propõe que a finalidade pode ser interpretada a partir da metáfora conceptual de base cognitiva *Finalidades são destinos* (LAKOFF, 1992, p.14), uma vez que “a ação de finalidade é um movimento autopropulsionado para um destino” (LAKOFF, 1992, p.14). Desse modo, o propósito é conceptualizado como um destino. Baseando-se nos conceitos de Lakoff e Johnson (2002[1980]) e em Lakoff (1987), Dias (2001, p. 163) define as orações de finalidade do seguinte modo:

[...] cláusulas de finalidade codificam o movimento no mundo das intenções. O sujeito e/ou locutor estabelecem um propósito ou finalidade, cuja execução do objetivo demanda o deslocamento de uma origem a uma meta, com uma trajetória, no mundo das intenções. Este *movimento* no mundo das intenções *pode sobrepor-se* ao deslocamento no mundo físico.

Assim, na finalidade há um deslocamento abstratizado de uma origem a uma meta, que é a intenção.

Interessante observar que no português a estrutura prototípica de finalidade envolve a preposição *para*, que é a preposição também usada para indicar um destino físico. Castilho (2010, p.597-598) apresenta um eixo espacial horizontal em que se encaixam as preposições, que podem ser dispostas em um *continuum* que marca o ponto inicial, o ponto medial e o ponto final do movimento. Segundo o autor, a preposição *para* está entre as preposições que integram a meta de um evento, ou seja, o ponto final, como em (10). O autor afirma, ainda, que ela ocorre em orações com verbo de movimento (ou verbo de suporte), nas quais o sujeito será o controlador do evento.

(10) Então eu os levo *para* a escola... e vou trabalhar. (D2 SP 360 *apud* CASTILHO, 2010, p.598)

A grande questão a ser discutida em relação às CMCP diz respeito ao fato de que a leitura de finalidade não é afetada pelo apagamento da preposição *para*, que, como vimos, introduz a *meta* seja locativa ou intencional. Defendemos que a metáfora conceptual *Finalidades são destinos* habilita a leitura de finalidade nessas construções a partir dos verbos de movimento orientado, cujas acepções semânticas evidenciam significados de deslocamento físico em direção a uma meta. Uma vez que a semântica do próprio V1 já carrega esse sentido orientacional, o apagamento da preposição *para* não compromete a leitura de finalidade. A *meta*, todavia, nas CMCP, é um propósito, uma intenção. Em (11), por exemplo, a CMCP tem como V1 o verbo *sair*. Nesse caso, a semântica desse verbo indica um deslocamento de um ponto interior a outro exterior. Ao ser alocado junto a um outro verbo, necessariamente em forma não finita, *ver*, o deslocamento espacial metaforiza-se em um deslocamento no mundo das intenções, o que possibilita uma leitura de finalidade ainda que não haja entre V1 e V2 nenhum conectivo prototípico das orações de finalidade.

(11) Eu sou meio caseiro mais **saio ver** o movimento das ruas e o verde das praças. Sou bucólico mais ou entusiasta que um dia iremos viver na Guarapuava que queremos e merecemos.⁴

Em (11), portanto, a relação de finalidade entre os verbos *sair* e *ver* não é marcada sintaticamente, apenas semanticamente. A relação semântica de finalidade que emerge na CMCP está diretamente associada à semântica de V1, que é sempre um verbo de movimento orientado. Note, por exemplo, que uma paráfrase (4') da ocorrência apresentada em (4), que é utilizada por Torrent (2009) para exemplificar uma oração de finalidade, não seria aceitável pois o apagamento da preposição *para* comprometeria sua interpretação. O verbo da oração principal é *utilizar*, que é um verbo de ação e não de movimento. Nesse caso, a falta do sentido orientacional desabilita a interpretação final:

(4') Ele pagou uma parcela só recorrente ao mês de abril e utilizou o fundo de garantia por tempo de serviço *Ø **quitar todo o saldo devedor**.

Assim, acreditamos que, ainda que haja relação direta entre a oração adverbial final e a CMCP, o verbo de movimento orientado é parte essencial na configuração semântico-sintática da CMCP, o que permite o apagamento da preposição *para*, favorecendo um maior nível de integração sintática entre V1 e V2 nessas construções. Partindo de uma revisão do tratamento de cláusulas complexas, a partir de estudos funcionalistas, discutiremos a seguir o nível de integração da CMCP.

4

Disponível

em:

<<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=93977255&tid=549610550569325604&na=4&nst=1&nid=93977255-5469610550569325604-5489395012699288357>>. Acesso em: 15 set. 2012.

Integração de cláusulas

A dicotomia coordenação *versus* subordinação, priorizada na abordagem tradicional, é questionada por estudiosos funcionalistas, que defendem que os processos de combinação de orações podem ser mais bem compreendidos em termos de um *continuum*, em que orações com grau de integração baixo estariam alocadas à esquerda enquanto orações com grau de integração alto ficariam à direita. A ideia desse *continuum* pressupõe que não há limites rígidos entre coordenação e subordinação.

Hopper e Traugott (2003, p. 176) propõem que os processos de combinação de cláusulas integram o domínio da gramaticalização e que relações sintáticas mais frouxas são indicativas de menor grau de gramaticalização e relações sintáticas mais fortes refletem um maior grau de gramaticalização. Os autores propõem um *cline* de combinação de cláusulas, que é elaborado com base na combinação dos parâmetros +- dependência e +- encaixamento (quadro 1).

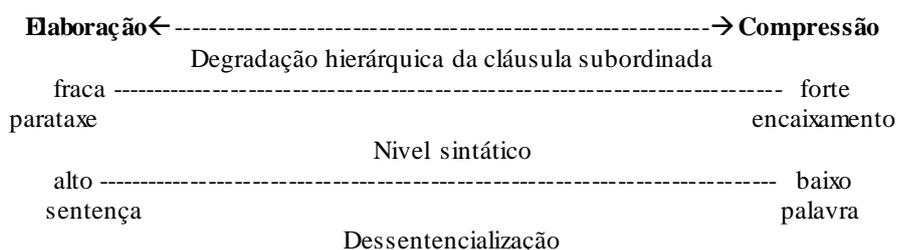
Quadro 1: Cline de combinação de cláusulas (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.170).

parataxe >	hipotaxe >	subordinação
- dependência	+dependência	+dependência
- encaixamento	- encaixamento	+encaixamento

Para esses autores, a parataxe caracteriza-se por uma independência relativa. O vínculo semântico é inferido pela relevância e pelo sentido que emerge da conjunção das duas, ou mais, cláusulas. Não há encaixamento de uma cláusula dentro de outra. Esse grupo é formado por orações coordenadas e justapostas. A hipotaxe é caracterizada pela interdependência entre as cláusulas, que são definidas como núcleo e margem. Integram esse grupo as orações adverbiais e as relativas apositivas. Por fim, a subordinação é caracterizada pela total dependência entre as cláusulas matriz e encaixada. Há encaixamento de todo satélite dentro de um constituinte da matriz. Compõem esse grupo as orações completivas e as relativas restritivas.

Lehmann (1988), por seu turno, argumentando a favor de uma abordagem tipológica dos processos de combinação de orações, propõe um tratamento não dicotômico das relações intraclausais a partir da elaboração de seis parâmetros semântico-sintáticos capazes de aferir o grau de integração de orações. Os seis parâmetros apresentados pelo autor são os seguintes: degradação hierárquica das orações subordinadas; nível sintático da oração principal em que as orações subordinadas se encaixam; dessentencialização da oração subordinada; gramaticalização do verbo principal; entrelaçamento de duas orações; explicitude da articulação (LEHMANN, 1988, p.3).

Esses parâmetros são apresentados na forma de 6 *continua*, que partem de um polo de elaboração, onde as relações são mais frouxas, para um polo de máxima compressão, onde há maior integração clausal:



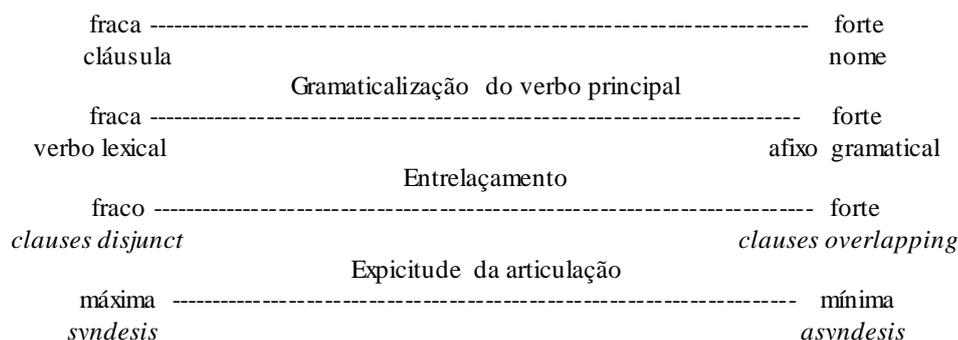


Figura 1: Continua da ligação de orações (LEHMANN, 1988)

Para Lehmann (1988), a integração de orações se organiza de modo hierárquico, sendo que no polo esquerdo não há relação hierárquica entre as orações (parataxe), enquanto, no polo direito, as orações estão hierarquicamente relacionadas (subordinação), isto é, a oração subordinada ocupa uma posição hierárquica mais baixa uma vez que constitui uma parte da oração principal, não podendo ocorrer como uma sentença simples. O autor afirma, ainda, que outras estruturas podem preencher o espaço entre os dois polos, o que pressupõe a existência de estruturas intermediárias, como a serialização verbal.

A aplicação dos parâmetros propostos por Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (1988) às orações finais permite a alocação dessas orações em um nível de integração sintático intermediário. Hopper e Traugott (2003) classificam as orações adverbiais como hipotáticas, pois a elas são atribuídos os parâmetros + dependência e - encaixamento. As orações hipotáticas seriam, portanto, mais gramaticalizadas (integradas) que as paratáticas e menos gramaticalizadas (integradas) que as subordinadas.

Os parâmetros definidos em Lehmann (1988) servem para medir o nível de integração das cláusulas complexas. O parâmetro *dessentencialização* quando aplicado às orações finais em PARA+INF revela um grau de integração mais forte, uma vez que o verbo da final estaria sempre numa forma nominal, o que inviabiliza seu uso como uma sentença simples.

A análise dos parâmetros propostos por Lehmann no que se refere às CMCP nos leva a classificar essa construção como ainda mais integrada que as orações finais, pois além da *dessentencialização*, nas CMCP não há explicitação da articulação, ou seja, nenhum elemento conjuncional marca a relação de dependência entre as orações. A falta de um conector entre os dois verbos, nos termos de Lehmann, evidenciaria uma integração mais forte.

Há que se destacar que a presença de outros materiais intervenientes entre os verbos, principalmente locativos, sinaliza que não é possível concluir, a partir dos nossos dados, que V1 e V2 estejam numa rota de gramaticalização em direção à formação de uma construção perifrástica. Diferentemente do que ocorreu com a formação da construção IR + INF, em que houve a gramaticalização de uma forma perifrástica de futuro a partir de uma oração final (DIAS, 2001), nas CMCP, V1 e V2 expressam estados de coisas separados, o que representa uma contraevidência da gramaticalização do predicado da oração principal. Ou seja, as CMCP devem ser analisadas como uma construção formada por duas orações.

Essa análise permite dizer que as CMCP sem material interveniente entre V1 e V2 são mais integradas sintaticamente do que construções com material entre os dois

verbos. Assim, concluímos que quanto menor quantidade de material interveniente na CMCP, maior é o seu grau de integração sintática. CMCP com verbos contíguos é mais integrada sintaticamente do que construções com material interveniente entre V1 e V2. Todavia, a CMCP é, de todo modo, mais integrada que oração final, pois marca finalidade entre dois verbos sem necessitar de um conector para isso, como no caso do *para*, nas finais.

Ao analisar o processo de subordinação também numa perspectiva tipológica, Cristofaro (2005) propõe que as orações finais são mais integradas que as demais orações adverbiais, já que nas adverbiais não há necessariamente correferencialidade modo-temporal nem entre os participantes da oração principal e da adverbial. Nas orações de finalidade, por outro lado, o tempo da oração principal determina o tempo e modo da final, sendo que o estado de coisas expresso na oração de finalidade é intrinsecamente dependente do agente expresso na oração principal. Assim, nas orações finais, o sujeito da principal, correferencial ou não, é responsável pela realização do evento expresso na final, como em (12). Na oração final, em (12), é possível perceber que a ação apresentada na primeira oração *ir ao mercado* (*went to the market*), realiza-se com a intenção de se alcançar a segunda ação, *comprar abóbora, manjeirão e cranberry* (*to buy pumpkin, basil and cranberries*).

- (12) *We went to the market [to buy pumpkin, basil, and cranberries]* (CRISTOFARO, 2005, p.155).
Nós fomos ao supermercado [para comprar abóbora, manjeirão e cranberries].

Pode-se concluir, diante disso, que as orações adverbiais finais ou apresentam sujeito correferencial ao da oração principal, ou um sujeito dependente do sujeito da oração principal. Esse nível de dependência entre os participantes da oração principal e da final torna a oração de finalidade mais integrada do que as outras orações adverbiais. Esse parâmetro de análise é relevante às CMCP, uma vez que, na maioria dos casos, essas construções apresentam sujeitos correferenciais. Em (13), temos uma CMCP constituída com o verbo *passar* seguido pelo verbo *pegar*, no infinitivo. Podemos notar, nessa construção, que os sujeitos são correferenciais, uma vez que há um movimento orientado, marcado por *passar*, com a intenção de atingir um segundo ponto, que é a meta, abstratizada em *pegar* alguém para fazer algo.

- (13) Fala-me onde você mora que eu **passo pegar** você para gente ir no drive ai você vai saber quem é.⁵

Embora, em alguns casos, não esteja marcado o destino físico do verbo de movimento orientado, o que percebemos é que a relação de finalidade sempre emerge da contiguidade dos verbos no contexto da CMCP. A própria semântica do verbo de movimento orientado favorece a reanálise da construção, possibilitando a leitura de um deslocamento até um destino metafórico, que é a própria finalidade.

Conclusões

Assumindo com Lakoff e Johnson (1980) que a relação de finalidade constrói-se na base da metáfora *finalidades são destinos*, defendemos que a atualização do sentido de finalidade na CMCP advém basicamente do sentido de movimento orientado de V1. Na CMCP, V2 é, desse modo, a meta ou propósito de V1, o que indica uma forte relação semântica entre V1 e V2. Considerando, por outro lado, as propostas de Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (1988), concluímos que a CMCP apresenta propriedades estruturais que indicam um grau de integração sintática mais forte entre V1 e V2.

⁵ Disponível em <<http://www.formspriming.me/kattycamargo/q/1647280089>> Acesso em 06 fev.2014.

A relação de finalidade expressa-se em construções com alto grau de integração sintática e semântica, como aponta Cristofaro (2005). Essa integração forte associada à finalidade reflete-se na CMCP, que apresenta um grau de integração sintática ainda mais forte que as orações finais.

Finalmente cabe aqui a discussão acerca da relação entre as finais e a CMCP. Goldberg (1995) defende a existência de generalizações sistemáticas entre construções, uma vez que elas podem formar uma rede conectada por relações de herança motivadas por propriedades de construções particulares. Para a autora, portanto, o repertório de construções é um conjunto estruturado e há generalizações esquemáticas entre as construções.

Segundo Goldberg (1995), construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades das construções particulares. A autora defende que construções estão ligadas por relações de herança, de modo que a construção A motiva a construção B se e somente se B herda de A (GOLDBERG, 1995, p. 67), estabelecendo-se uma hierarquia abstrata na qual os níveis mais baixos herdam informação dos mais altos.

A relação de herança tal como proposta em Goldberg (1995) dá conta da relação entre as finais e a CMCP na medida em que é nítido que essas representam um subtipo daquelas. A diferença principal entre as duas construções diz respeito ao tipo de verbo da oração principal, uma vez que na CMCP apenas verbos de movimento orientado são empregados.

A CMCP constitui, portanto, uma construção de finalidade do português distinta das orações finais, mas a elas relacionada por padrões de diferenças e semelhanças relativos às suas propriedades sintático-semânticas.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. 768 p.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. New York: Oxford University Press, 2005. 372 p.
- DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. 2001. 175 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a constructional grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. 265 p.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006. 280 p.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 2003. 300 p.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: University of Chicago Press, 1980. 256 p.
- LAKOFF, G. *The contemporary theory of metaphor*. University of Cambridge, 1992. 46 p.
- LEHMANN, C. “Towards a typology of clause linkage”. In HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CESÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996. 220 p.

ORÉFICE, P. *A construção de movimento com propósito em português*. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

TORRENT, T. T. *A rede de construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais*. 2009. 166 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Recebido em: 04/10/2015

Aprovado em: 01/02/2016